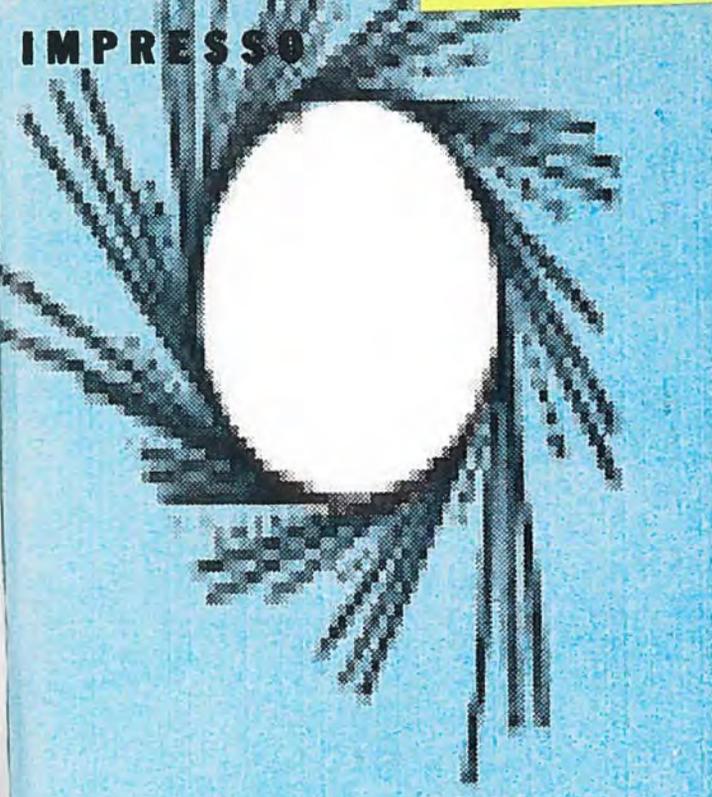


CONTRATO Nº 3956/91  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



Biblioteca/CLDF

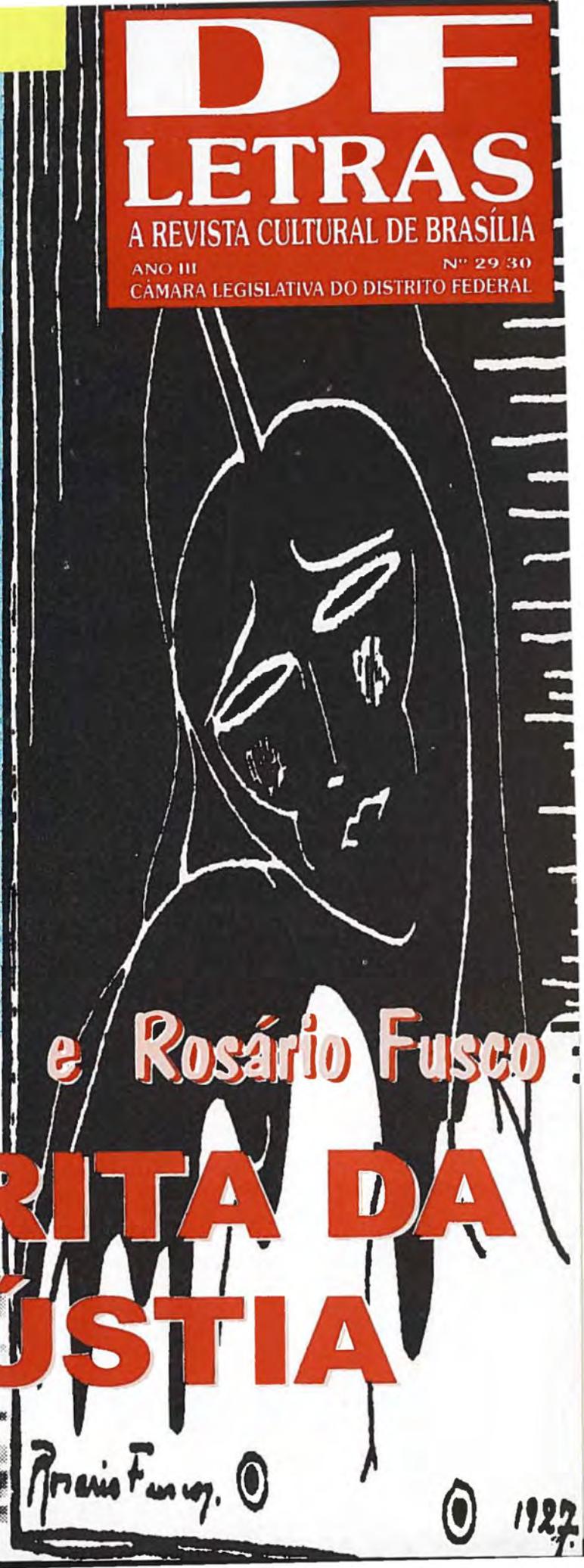
**DF**  
**LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III

Nº 29/30

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



Graciliano Ramos e Rosário Fusco

**A ESCRITA DA  
ANGÚSTIA**

Rosário Fusco ©

© 1927

# ROSÁRIO FUSCO

## Gênio Incompreendido

□ **Ronaldo Cagiano**

*Um ser esquisito, mas genial. Rosário Fusco, um dos idealizadores do "Movimento Verde", de Cataguases, para Ronaldo Cagiano ainda não teve o seu lugar reconhecido na literatura brasileira. É preciso lembrá-lo para manter viva sua verve poética.*

O pensamento contemporâneo ainda não abriu o verdadeiro e indispensável espaço a Rosário Fusco, à altura da grandeza de sua obra e de sua trajetória como homem e escritor. A crítica literária ainda há de fazer justiça àquele que soube estar à frente de seu tempo sem, contudo, negar-lhe, senão discuti-lo claramente, pois fez do seu ofício uma carpintaria de evidências sócio-psico-filosóficas ao dissecar a condição humana, através de sua densa e tensa bibliografia. A realidade em Rosário Fusco adquiriu uma projeção crítica, que merece uma releitura profunda, além de reedições que possam compensar esse silêncio imperdoável que impuseram à sua escritura.

Ainda estudante, lembro-me bem, contemplava aquela figura absorta, meio canhestra, enigmática e monstruosa (a monstruosidade aqui no seu sentido poético, de grandeza exponencial, tanto física como cultu-



ral), circulando pelas cardíacas e catatônicas vias de Cataguases em seu modesto automóvel, como que rastreando

este sítio de idiossincrasias e heterogeneidades, num torrão de paradoxos e (im)possibilidades que urge às margens túrgidas

*Ilustração de Rosário Fusco: "Deus me detesta. Deus me detesta e eu cumpro sua lei." (1972)*



**Luiz Estevão**  
(PMDB)

*Um grande incentivo para a produção literária e artística em geral está confirmado para às 21h do dia 9/12, na Sala Martins Penna, do Teatro Nacional: a entrega do IV Prêmio Luiz Estevão de Cultura, uma promoção da Fundação Comunidade, presidida pelo deputado Luiz Estevão. Serão distribuídos*

*R\$ 25 mil para os melhores trabalhos dos artistas do Distrito Federal nas categorias de literatura (prosa e poesia), artes cênicas (teatro e dança), artes plásticas (pintura e escultura), artes visuais (cinema e vídeo) e música (clássica e popular).*



**Odilon Aires**  
(PMDB)

*O livro é importante para se medir o grau de cultura de um povo. É através do livro que se registra e se guarda a memória de uma nação. No Brasil, infelizmente, o governo não tem dado o apoio necessário para a difusão do livro. Poucas são as pessoas que têm acesso à leitura. No Distrito Federal, a situação é pior, já que as bibliotecas públicas existentes passam por uma crise sem precedentes, sem recursos e sem material humano. Precisamos recriar os programas de leitura, como forma de estimular a integração entre biblioteca e comunidade.*

do castigado rio Pomba.

Um ser, para muitos esquisito (aliás a boçalidade ambulante, os néscios de carteirinha, os alienados e empedernidos culturalmente rotulam com menoscabo e pejoração quem foge aos padrões pseudomoraes, puritanos e farisaicos da tradição pequeno-burguesa do interior), e para alguns (como para mim) genial e elevado, desafiava uma época que trazia no bojo de suas tantas inquietações uma insatisfação maior, subjacente, inconsciente e coletiva, que se traduzia na urgência - historicamente reprimida e adiada - de uma ruptura conceitual e social, em busca de valores espirituais e psicológicos mais conseqüentes. Rosário Fusco deambulava com suas idéias, imune à cavilidade provinciana de uma urbe eivada de contradições. Motorista a tiracolo, com seu inseparável vasilhame de uísque (con)vivia, em pleno clima de abstração material, num lugar e entre pessoas, onde não cabia seu sentimento do mundo.

Essa imagem de Rosário Fusco marcou-me os primeiros anos de adolescente escrutinador de sonhos, sobretudo porque guardava impressões formidáveis do vanguardismo, da audácia e ousadia dos componentes da revista **Verde**. Antes mesmo que o agudíssimo J. S. Gradim declinasse, em suas concorridas aulas, sobre o gênio Fusco, eu já compreendia aquele espírito despojado e sua intelectualidade explícita,

mas sem arrogância, característica de certos (e poucos) grandes escritores, como ele. Um homem que preferiu a insularidade nos contrafortes da Granjaria, em detrimento de uma fácil notoriedade em outros centros de maior efervescência cultural, certamente porque ali, seu laboratório de percepção e criação, não estaria infenso às diatribes e refluxos da política editorial do eixo Rio-São Paulo, possibilitando-lhe uma introspecção mais produtiva e, apesar da hostilidade e antagonismo próprios da vida pacata das cidades medianas, ainda assim, teria um contato mais simbiótico com o seu meio.

Um dos signatários do Movimento Verde, Rosário Fusco foi, sem demérito para os demais do grupo, o mais avançado em todos os aspectos, o que pode ser sentido em sua obra, de temática abrangente e tendência existencialista. A sua luminosidade e visão cosmopolita conferem à sua produção um caráter universal, pois transita entre a filosofia, a investigação social e a crítica estética, com a fluência e despojamento de um pensador acurado, cuja obra, sem dúvida, está na mesma dimensão da de Sartre, Camus, Marguerite Yourcenar, Kafka, Clarice Lispector, Guilhermino César, Osman Lins, J. D. Salinger e tantos outros que, como ele, no romance, na ensaística, na poesia ou na crítica, contribuíram para uma compreen-

são da realidade social e da problemática humana, à luz da filosofia e da estética.

Em seus romances, vislumbramos um autor preocupado com um mundo que vai se apartando e perdendo seus referenciais lógicos, identificando na condição humana um certo desvio escatológico e vícios contingenciais de uma aldeia humana transformada em rebanho, cada vez mais eivada de agressividade e condicionamentos acachapantes. Vivendo um auto-exílio no seu próprio meio (morou no exterior, viveu em Nova Friburgo e voltou para Cataguases, aí permanecendo até morrer), Rosário Fusco deu uma dimensão extraordinária às questões humanas, ao tratar em sua obra do grande conflito que caracteriza a existência num mundo eivado de incongruências. Em certo momento, podemos até perceber um certo niilismo e alguma tendência para o realismo fantástico.

Publicou **Poemas Cronológicos** (1928), **Fruta de Conde** (1929), **Amiel** (ensaios, 1940), **Vida Literária** (crítica, 1940), **Política e Letras** (repertório, 1940), **Introdução à Experiência Estética** (ensaio, 1949), **Anel de Saturno** (teatro, 1949), **O Agressor** (romance, 1943) **Carta à Noiva** (romance, 1954), **Auto da Noiva** (farsa, 1961) **Dia do Juízo** (romance, 1962), **O Livro de João** (romance, 1944) deixando inéditos **A.S.A. - Associação dos Solitários Anônimos**, **Vacachuvamor** (romance), **Um**

**Jaburu na Torre Eiffel** (livro de viagens), **Creme de Pérolas** (poesia), **Erótica Menor** (poesia) e **Diários**. A leitura de sua densa lavratura nos coloca diante de um autor regurgitando os sobresaltos de sua época e as angústias do homem de cotidiano pulverizado, em que sua projeção crítica suscita uma sacudida em nossas consciências tão fragilizadas pelos atavismos de uma modernidade levada ao paroxismo. Sua poesia, embora produção de menor quantidade, carrega também uma subjacente expressão do mundo, captada pelo seu foco inquiridor, sobre um mundo que, já naqueles tempos, vinha dando sinais de exaustão coletiva, perdendo-se em correntes baladas de substancialidade.

Rosário Fusco tem um corolário estético-filosófico que o particulariza. **Introdução à Experiência Estética**, entre outros ensaios do gênero, traz uma reflexão candente e objetiva sobre as perspectivas da arte e sua condição de instrumento permanente de resistência, libelo e afirmação da nacionalidade.

Morto em agosto de 1977, no ano em que Cataguases comemorava seu centenário, e ainda no auge de sua lucidez, articulação e produtividade intelectual, até agora sua obra jaz intocável em nossa cidade, por imperdoável descaso didático, cultural e pedagógico, que não merece contemporização. Não obstante, importante parcela do pensamento e da *intelligentsia*, aqui e até no exterior, sabe contextualizar sua obra, dando-lhe a devida importância. É hora de revisitarmos essa obra monumental,



tanto como reconhecimento ao valor de sua produção como, também, porque, num tempo de proliferação de tantas mediocridades que empestam as estantes das livrarias e do apogeu de uma pouco recomendável "ideologia" da auto-ajuda e do misticismo desenfreado, a sustentar uma subliteratura, que embota, bitola e mumifica, o espírito e a mente humanos precisam ler Rosário Fusco, o que nos fará mais suscetíveis a uma visão dialética de nossas relações, com a vantagem do alto estilo de sua narrativa, um salto qualitativo para quem se detiver nos meandros de sua obra.

Em recente ensaio intitulado **Falta Rosário Fusco na Bibliografia Nacional**, o escritor e ensaísta José Santiago Naud, professor da Universidade de Brasília, faz um preci(o)so rastreamento da obra do escritor cataguasense. Delineando seu perfil de gênio do pensamento filosófico e estético, reafirma o caráter universal de uma obra que não faz concessões a atrelamentos, à venalidade ou a quaisquer outros interesses, sejam políticos ou partidários, sempre numa linearidade e coerência. Por isso mesmo, incompreendido e até estigmatizado, principalmente pelos da terra, pois estes, ávidos por enquadramentos rotineiros e aliciantes, jamais dão azo à ousadia e à independência literária dos que, como Fusco, se deblateram contra os anacronismos, sub-reptícios ou declarados, e se opõem ao encarceramento e à submissão aos valores de uma sociedade intumescida de verdades.